

A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA NO TEXTO HUMORÍSTICO BASEADA NA CRÔNICA "CUMPRIMENTOS AO CHEF" DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Rosana Schmidt Jardim.¹

RESUMO

Este trabalho versa sobre a Construção da Coerência no Texto Humorístico tomando como base a Crônica "Cumprimentos ao Chef", do renomado escritor Luis Fernando Veríssimo, e pretende demonstrar através de uma pesquisa ilustrativa, que o leitor de uma crônica humorística estabelece (ou não) um sentido de coerência para esse texto, podendo dessa forma extrair dele (ou não) o humor, proporcionalmente à compreensão que fizer do mesmo, determinada pelo seu conhecimento lingüístico, textual e principalmente enciclopédico.

Palavras-chave: coerência, humor, interpretação.

ABSTRACT

This paper discusses about The Coherence Construction in the Humorous Text based on the Chronicle "Cumprimentos ao Chef" written by the renowned writer Luis Fernando Veríssimo, and has the intention to demonstrate, by means of an illustrative research, that the humorous chronicle reader establishes (or not) a coherence sense to this text, so that he can take the humor out of it (or not), in the same proportion as his comprehension of it, determined by his linguistic, textual and particularly encyclopedic knowledge.

Key-words: coherence, humor, interpretation.

INTRODUÇÃO

Aprender o significado de um texto é uma tarefa diferente do fato de se decodificar a escrita. A capacidade de ler é necessária, mas não suficiente para o entendimento de um texto, para o qual torna-se necessário conhecimento de mundo, conhecimento lingüístico e vivência suficiente para ampliar significativamente esses conhecimentos.

¹ Pós-graduada em Criatividade e Produção de Textos, pelas Faculdades Padre Anchieta, graduada em Comunicação Social com habilitação em Marketing pela ESPM-SP.

Durante o processo de compreensão e interpretação é sabido que a memória trabalha de modo construtivo, acrescentando às informações obtidas no texto o saber acumulado em experiências passadas.

O presente trabalho sugere uma demonstração de como o mesmo texto pode causar impressões distintas, a partir de repertórios particulares, em leitores diferentes; busca também investigar quais fatores são relevantes para a construção de um entendimento significativo, o que no caso de um texto humorístico implica obviamente em reconhecer o humor presente no texto. Em razão disso, a coerência, fator textual escolhido para essa análise, encontra-se intrinsecamente relacionada ao texto humorístico no presente estudo.

No decorrer dessa explanação pretende-se demonstrar, através de pesquisa quantitativa e qualitativa, que a coerência, sobremaneira em textos humorísticos, mesmo a despeito de todo cuidado do autor e em se tratando de um escritor consagrado (Luis Fernando Veríssimo), será construída pelo leitor, através de elementos presentes e reconhecidos direta ou indiretamente no texto. A partir dessa construção individual dependerá o fato de o texto tornar-se humorístico e coerente (ou não) para determinado leitor em questão.

1. A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA NO TEXTO HUMORÍSTICO

A escolha do tema foi motivada pelo interesse em relacionar a coerência, um fator determinante na construção, produção e interpretação de sentidos, com o texto humorístico, um modo de comunicação peculiar, capaz de suscitar, em meio à ambigüidade que o caracteriza, uma pressuposição aparentemente óbvia, que será desmentida posteriormente por outra mais óbvia ainda, a fim de impor ao texto um final inesperado e surpreendente.

Desse modo, os textos humorísticos, apesar de ferirem o Princípio de Cooperação, dificultando sua compreensão, através da produção de efeitos de sentidos dúbios e obscuros, por exemplo, e/ou levando o leitor/receptor a uma premissa falsa, ainda assim, e por isso mesmo, são comunicativos.

Nos textos humorísticos a ausência de sentido pode ser exatamente o efeito de humor presente no texto. Para apreendê-lo não basta decodificá-lo, é preciso “descobrir uma certa visão imposta pelo autor”, ou seja, “interpretá-lo adequadamente”, a fim de usufruir prazerosamente dessa descoberta.

A interpretação envolve a manipulação de aspectos lingüísticos, discursivos, socioculturais, cognitivos e interacionais. A ausência de quaisquer desses aspectos, principalmente do conhecimento partilhado entre autor/leitor, compromete não apenas a coerência textual, como também a capacidade de apreender o humor subjacente ao texto. Momento este em que a coerência e o humor encontram-se estreitamente relacionados.

Supõe-se portanto que se um texto não for coerente para dado leitor, tam-

bém não será humorístico para ele, e que o humor apreendido torna-se proporcional à competência textual do leitor em questão.

Essas razões levam à elaboração desse estudo investigativo.

Baseando-se nos fatos de que o leitor/receptor é caracterizado como um produtor de sentidos, e de que um mesmo texto possibilita várias leituras, serão investigados, através de pesquisa, quais os fatores que levam o leitor a interpretar um texto como humorístico, ao mesmo tempo em que este se torna coerente (ou não) para ele.

Sabe-se que a coerência é construída a partir do leitor, pela continuidade de sentidos estabelecidos entre os conhecimentos prévios, ativados através da memória, e os elementos presentes no texto. E que a intenção do autor de produzir um texto humorístico não é condição garantida de sucesso, já que, em última análise, é o leitor que determinará tanto a coerência quanto o efeito do humor, os quais poderão não se concretizar em razão da incapacidade do leitor/receptor de estabelecer inferências, ausência de conhecimento partilhado, divergências culturais, desconhecimento lexical, entre outras; ou ainda porque o texto apresenta questões que desafiam a lógica, ou contradições entre as passagens do texto e o conhecimento estabelecido das coisas.

A pesquisa visa averiguar, na prática, o esforço que os diversos leitores, a partir do Princípio de Cooperação, empreendem para construir o sentido através de elementos presentes no texto, e conferir-lhe coerência e humor utilizando todos os recursos disponíveis para essa construção: conhecimento de mundo, capacidade de pressuposição e inferência, adesão ao discurso e contexto em que esteja inserido.

Dependerá, portanto, da competência textual que determina a capacidade das pessoas de produzir e interpretar textos, assim como do saber partilhado entre os interlocutores e a cooperação estabelecida entre eles, de tal modo que eventuais falhas e lacunas, deixadas pelo produtor, possam ser preenchidas pelo recebedor através de deduções.

2. ESCOLHA DA CRÔNICA E DO AUTOR

A crônica "Cumprimentos ao Chef"², publicada no livro *A Mesa Voadora*, de Luis Fernando Veríssimo - um escritor com um potencial humorístico consagrado - apresenta um humor sutil e refinado, aliado à presença dominante de estrangeirismos (termos em francês).

Fato este que provavelmente demanda um maior trabalho interpretativo por parte dos leitores, tanto para captar o senso de humor, como para unir os elementos coesivos produzindo coerência.

² Vide apêndice.

Trata-se de uma crônica que faz alusão à culinária francesa, à etiqueta, a lugares elegantes, 'glamour', na qual se espera um comportamento estritamente formal por parte das pessoas presentes, em contrapartida a situações inusitadas do cotidiano.

Certamente que, se o cenário fosse um bar de esquina, poder-se-ia esperar outro tipo de comportamento e o texto perderia seu efeito humorístico.

Veríssimo, habilmente, abre um *frame* (restaurante) na mente de seus leitores que buscam textos inteligentes, irreverentes e com uma certa dose de ironia. Desse modo o autor expõe situações cotidianas à crítica e extrai o humor justamente do fato de levar seu leitor, através do conhecimento de mundo partilhado, a lembrar de situações vivenciadas, presenciadas ou apenas imaginadas.

Cabe aqui ressaltar a importância (nesse estudo) da escolha do texto de um autor cujo potencial humorístico não entra em discussão, já que as avaliações de sentido são tão subjetivas que inclusive podem variar com o simples conhecimento da autoria, ou seja, levando a acreditar que: "Em se tratando do Veríssimo é humorístico sim".

Em vista do exposto, a autoria foi omitida durante a pesquisa, mas, para essa análise, é fundamental considerar não somente um texto pretensamente humorístico³, como um autor que se confirma humorista⁴.

O gaúcho Luis Fernando Veríssimo não se considera pessoalmente engraçado e afirma que "fazer humor é apenas uma questão de técnica". Possenti (2001:126)⁵, apesar de achar esse um modo simplista de se referir ao humor, ao analisar trechos do escritor constata:

"Veríssimo aplica sua técnica, que poderia ser assim resumida: 'se você tem um enunciado que parece unívoco, mostre que ele é ambíguo'. Em outras palavras, fazer humor é basicamente produzir um equívoco, ou, melhor, desnudar um equívoco possível".

Observa-se que no próprio título (Cumprimentos ao Chef) estão implícitas duas possibilidades: uma frase clichê dita à saída do restaurante para demonstrar agrado, e as várias possibilidades de se cumprimentar o Chef, conforme pode ser constatado ao final da crônica. Formando nesse caso o final inesperado como convém a um texto humorístico.

Alguns elementos, dentre vários, contribuem para caracterizar o texto como de humor: dois *scripts* opostos, comunicação não confiável, incongruência, discurso crítico vigente na sociedade, espiritualidade.

A oposição de *scripts* pode ser verificada logo no primeiro parágrafo da crônica: restaurante/alto poder aquisitivo X "boteco" /baixo poder aquisitivo e na relação cliente/empregados do restaurante. Nesse caso os estrangeirismos

³ que se refere ao humor; em que há estilo espirituoso ou irônico; engraçado (cf. MICHAELLIS: 318).

⁴ aquele que fala ou escreve com humorismo (cf. MICHAELLIS: 318).

⁵ Sírio POSSENTI, *Os Humores da Língua*, p.126.

cumprem a função de passar de um *script* para outro.

A crítica social que permeia o texto pode ser expressa, como exemplo, através da palavra “gentinha”, relativa ao senso comum vigente de que as pessoas com menor poder aquisitivo não sabem comportar-se e por isso são menosprezadas pelos funcionários de restaurantes finos que preferem atender bem a sua clientela de elite. Verificamos que não se trata de um discurso inovador, mas que se apropria de um discurso vigente.

Trata-se de um discurso de segunda mão – ao leitor é feito um relato pelo autor, em que este último busca a aproximação, identificação e cumplicidade com o leitor para rir com ele, do(s) outro(s), caracterizando a espíritosidade do texto em questão.

Durante a leitura, o receptor é levado por uma premissa falsa de “etiqueta” e “discrição” a imaginar situações formais e surpreende-se, pois a última coisa que se espera de uma pessoa bem-educada é a frase final: “Diga ao *Chef* que o espero na saída.”

A partir do exposto, conclui-se que a intencionalidade do autor de construir um texto humorístico coerente, ou seja, com todos os aspectos que assim o tornam, foi atingida, o que facilmente comprova-se a partir do título do livro, *A Mesa Voadora*⁶, no qual encontra-se publicada a crônica “Cumprimentos ao Chef”.

METODOLOGIA E OBJETIVOS DA ANÁLISE

O método adaptado consiste em investigar, a partir da crônica “Cumprimentos ao Chef”, de Luis Fernando Veríssimo, quais os fatores que levam o leitor a interpretar um texto como humorístico, e quais os elementos, de que modo e com qual intensidade, influenciam na construção da coerência, e conseqüente apreensão do humor subjacente ao texto, visando explicitar a correlação entre Coerência X Humor.

Sabendo de antemão que:

- a intenção do autor não basta para conferir ao texto caráter humorístico;
- o leitor, também, é caracterizado como um produtor de sentidos;
- a coerência é construída a partir do leitor;
- um texto apresenta possibilidades de várias leituras;
- o texto humorístico aponta para uma leitura preferencial.

E, como a interpretação é um fenômeno ligado à competência textual de cada indivíduo em particular, juntam-se às afirmações anteriores as seguintes questões:

a) A capacidade de apreender o humor é proporcional à competência textual do leitor?

b) A coerência confere ou não caráter humorístico ao texto?

Será demonstrado, através de exemplos de interpretações da crônica,

⁶ Vide Referências Bibliográficas.

coletados em forma de pesquisa, que durante o processo de leitura de um texto humorístico o receptor/leitor pode construir (ou não) um sentido para este, de modo a poder (ou não) extrair dessa interpretação um sentido humorístico.

A METODOLOGIA SERÁ DESENVOLVIDA DE MODO A ABRANGER:

- a) elaboração de pesquisa com questões dissertativas e apuração de dados pessoais;
- b) aplicação da pesquisa em público de faixa etária superior a 13 anos;
- c) síntese e análise dos dados;
- d) relatório final e conclusão.

A pesquisa de campo, elaborada a partir de um estudo⁷ sobre coerência e humor, divide-se em duas partes: uma com questões discursivas envolvendo a compreensão e interpretação da crônica, e o sentido de humor apreendido (ou não) durante a leitura; outra parte, envolvendo dados pessoais sobre o pesquisado.

Os formulários⁸ (crônica + questionário) distribuídos através de abordagem pessoal ou pela Internet, para diversas pessoas com perfis (faixa etária, sexo, padrão sociocultural) diferentes e de localidades distintas, abordam três questões básicas: a compreensão e/ou interpretação do texto, a relação entre léxico/significado/texto, e a classificação do texto.

As pesquisas serão avaliadas a partir do método dedutivo, abrangendo análise, síntese e classificação de dados, e do método comparativo, na análise das respostas que serão separadas em cinco grupos, relativos a faixa etária (13 a 22, 23 a 32, 33 a 41, 42 a 52, e 53 ou mais).

O método indutivo auxiliará na elaboração do relatório final e no critério de relevância dos argumentos apresentados, aliados à pesquisa teórica realizada.

I. RESULTADOS QUANTITATIVOS

1- Com base nas interpretações de 34 pessoas, divididas em cinco grupos de acordo com a faixa etária, obteve-se o seguinte perfil:

- 21 pessoas dentre as 34 são do sexo feminino (62%);
- 13 pessoas dentre as 34 são do sexo masculino (38%);
- 25 dentre as 34 apresentam nível superior e/ou especialização (74%);

⁷ Capítulos um e dois da monografia de mesma titularidade arquivada na Biblioteca das Faculdades Anchieta.

⁸ Vide apêndice.

PERFIL: FAIXA ETÁRIA X SEXO X ESCOLARIDADE



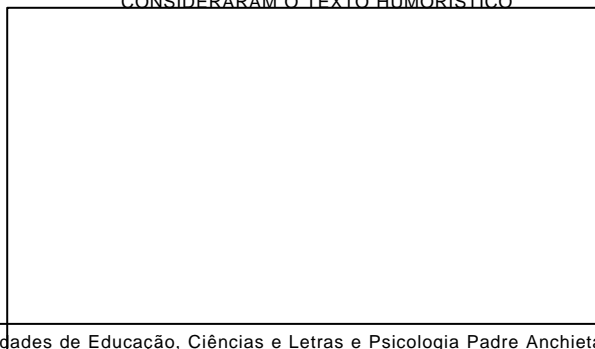
2- Dividindo-se a amostra em **sim**, para as pessoas que interpretam a crônica como humorística, e **não** para as que não a consideram humorística, de acordo com a faixa etária correspondente obtém-se o seguinte resultado:



Observa-se que as respostas **não** concentram-se predominantemente entre **33 a 52** anos (faixa que corresponde a **50%** do total dos pesquisados), com 86% do total.

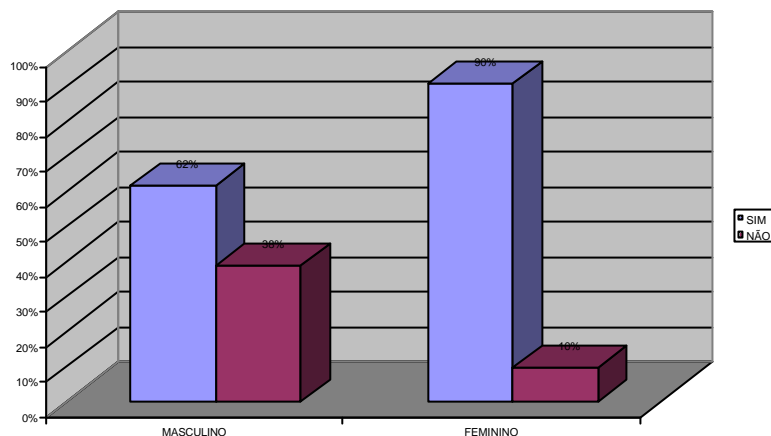
3- Os gráficos a seguir apresentam uma melhor visualização dos resultados.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO



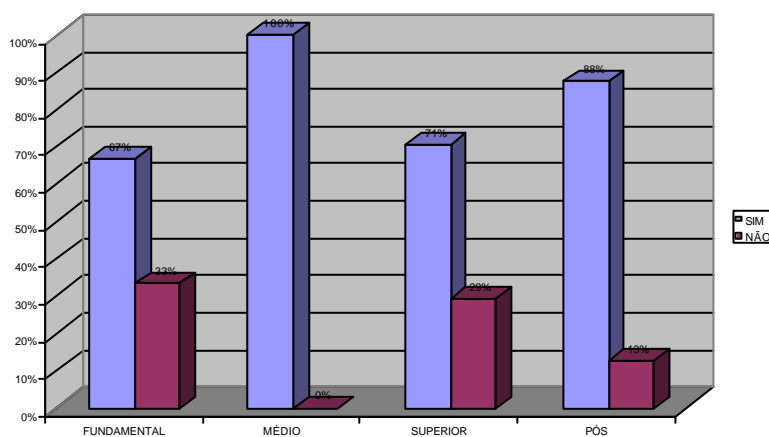
Percebe-se que em **21%** das interpretações a crônica “Cumprimentos ao Chef” **não** foi reconhecida como humorística.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO (POR SEXO)



Com relação à amostra total, **38%** do grupo **masculino não** reconhece o texto como humorístico, contra **10%** do total do grupo **feminino**.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO (POR ESCOLARIDADE)



Considerando a amostra total das interpretações, **33%** dos que apresentam escolaridade do **nível fundamental** e **42%** dos que apresentam escolaridade de **nível superior e/ou especialização não** reconhecem o humor presente na crônica, enquanto 100% dos que apresentam escolaridade média classificam o texto como humorístico.

II. RESULTADOS QUALITATIVOS

Os critérios adotados para o julgamento do texto são inegavelmente subjetivos. A coerência e a apreensão do humor, presentes no texto em questão, estão em estreita dependência dos conhecimentos partilhados pelos interlocutores. O que faz sentido para um receptor pode parecer absurdo para outro, o nexos entre os elementos textuais pode ser facilmente percebido por um, através das relações lógico-semântico-cognitivas implícitas, e permanecer irrecobrável para outros se não for expresso linguisticamente. O que é comum e cotidiano para um pode ser novidade para outro.

Desse modo, quanto mais informal for a situação e quanto mais conhecido for o assunto, maior será o grau de colaboração do receptor, no sentido de procurar construir coerência para o texto.

A análise das interpretações⁹ confirma que o Princípio de Cooperação, que rege a interação comunicativa, possibilita que todos os leitores independentemente de idade, sexo e escolaridade estabeleçam um sentido para o texto, embora não haja uma unanimidade em percebê-lo como humorístico, devido às particularidades de cada construção por parte dos indivíduos envolvidos.

Foram classificadas como “**elaboradas**” as interpretações que demonstram o uso de intertextualidade, contextualização, situacionalidade, que percebem a relação de oposição comum em textos humorísticos (real/fictício, cliente/patrão/empregado, rico/pobre, certo/errado, formal/informal), ou seja, apresentam uma leitura menos literal e realizam uma reflexão **a partir do texto** e, conseqüentemente, dentro desse critério, uma interpretação mais elaborada.

Foram classificadas “**superficiais**” as interpretações cujo conteúdo predominante baseia-se na decodificação do texto, sem buscar significativamente conteúdos externos a ele. Até mesmo quando relacionam a oposição entre os dois *scripts* fazem-no citando relações textuais (restaurante/cliente/empregado/patrão). A leitura é **dependente do texto**.

Para uma melhor análise, a amostra a partir deste ponto será dividida em:

Grupo do sim – para os que identificam a crônica como humorística.

Grupo do não – para os que não identificam crônica como humorística.

⁹ Vide monografia.

As razões apontadas para o texto não ser considerado humorístico são as seguintes:

- 1- O texto é explicativo;
 - 2- O texto retrata o cotidiano;
 - 3- O texto é muito mais crítico e irônico do que propriamente engraçado;
 - 4- O texto não desperta risos;
 - 5- O humor não é percebido; e
 - 6- O humor não é predominante no texto (2 respostas).
- Seguem-se as seguintes relações:

1. PERFIL: FAIXA ETÁRIA X INTERPRETAÇÃO X ESCOLARIDADE

a) Do Grupo **Não**:

I

Aqueles que **não** identificam a crônica como humorística concentram-se na classificação **superficial**.

Convém considerar que as duas interpretações classificadas como **elaboradas** referem-se às razões **3 e 6**, nas quais ainda que minimamente o humor é citado.

b) Do Grupo **Sim**:

--

2. RELAÇÃO ESTRANGEIRISMO/COMPREENSÃO X SEXO X ESCOLARIDADE

Sobre as questões que relacionam a presença dos estrangeirismos com a compreensão da crônica as respostas foram divididas em:

PC - para os que consideram **possível compreender** o texto a partir da tradução dos estrangeirismos ou pelo contexto;

DC - para os que consideram **difícil compreender** o texto sem conhecer a tradução dos estrangeirismos.

a) Do Grupo **Sim**:



75% dos que consideram **difícil compreender** o texto pertencem a faixa etária de

13-32 anos.

b) Do grupo **Não**:



Percebe-se que, **86%** do grupo **não** e **74%** do grupo **sim** consideram que a presença de palavras em francês não impede um entendimento significativo do texto, que pode ser estabelecido através de inferências, deduções ou através do contexto.

3. INTERPRETAÇÃO X ESTRANGEIRISMOS

Conforme o modo predominante como a função do estrangeirismo foi relacionada com a crônica:

a) Amostra geral



29% - relacionam o estrangeirismo apenas à sua função lexical.

21% - identificam o uso de estrangeirismos como recurso estilístico do autor .

50% - apontam o contexto como justificativa para a presença dos estrangeirismos.

4. ELEMENTOS DE HUMOR X IDADE X SEXO X ESCOLARIDADE

Identificação de alguns elementos presentes nas interpretações que caracterizam o texto humorístico, sendo que em cada interpretação é possível encontrar um, vários ou mesmo nenhum dos elementos citados.

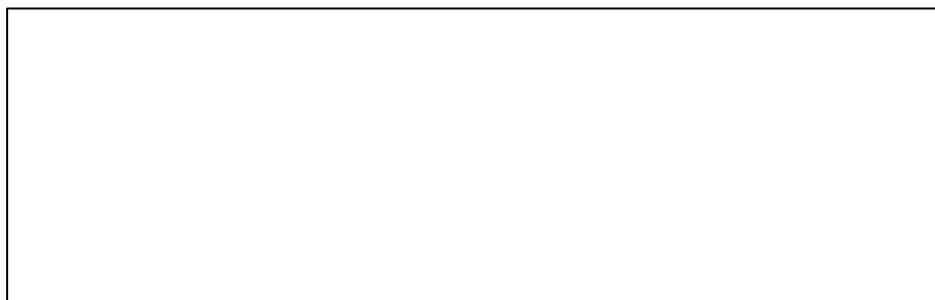
a) Da amostra **Geral**



Observa-se que na faixa etária de **33 a 52** anos e com alta escolaridade as pessoas parecem ser mais criteriosas, apresentando um senso de humor diferenciado, diminuindo o elemento descontração e extraindo os elementos de humor a partir da crítica e ironia; também reconhecem melhor a relação de oposição estabelecendo comparações que resultam no sentido de humor

subjacente ao texto.

b) Grupo do **Não**:



Obs: Outros elementos citados que qualificam o texto: irreverente, absurdo, irreal, exagerado, caricato, sutil, refinado, pitoresco.

A análise das interpretações, a partir das tabelas, demonstra que a informação é o aspecto que cada indivíduo, ao seu modo, utiliza para construir um sentido nem sempre humorístico para o texto.

Parece haver uma relação empírica que pode ser assim traduzida: quanto mais idade e escolaridade pode haver um maior conhecimento de mundo, que desencadeia um menor grau de surpresa e informação e resulta em menor interesse e “graça”.

O jovem talvez não possua conhecimento de mundo suficiente, mas encontra-se receptivo às informações e estas o surpreendem.

O adulto torna-se muito crítico quanto ao que lhe faça rir.

Já o idoso, menos crítico, tendo seu conhecimento de mundo construído e consolidado pela experiência, apresenta maior disponibilidade para extrair o humor das situações por ele reconhecidas.

DISCUSSÃO

Considerando-se os aspectos teóricos envolvidos (sobre Coerência e Humor), com base na crônica “Cumprimentos ao Chef” de Luis Fernando Veríssimo, a análise das interpretações revela que os textos humorísticos são independentes e, apesar de o leitor/receptor reconhecer e construir sua coerência, somente esse reconhecimento e construção não são suficientes para a apreensão do humor subjacente ao mesmo.

A possível razão para isto reside no fato de que o leitor/receptor num esforço cooperativo recorre a todos os recursos de seu repertório¹⁰ para conferir sentido ao texto, atribuindo um crédito de coerência para o emissor/autor, pois

¹⁰ Rede de referências, valores e conhecimentos históricos, afetivos, culturais, religiosos, profissionais, científicos.

acredita que este escreve com uma intenção pré-determinada passível de ser reconhecida.

Na impossibilidade de restabelecer o sentido pretendido pelo escritor, o leitor cria outro que justifique o texto. Procura reconhecer ao menos um dado informativo no texto e através desse dado o sentido é estabelecido. Portanto não é possível classificar qualquer interpretação de incoerente.

A não ser que seja considerada incoerente ao nível de tipologia, pois o receptor que não consegue captar as intenções humorísticas do autor (e apenas nesse sentido) comete uma falha quanto à interpretação, afinal deixa de perceber a significação pretendida pelo produtor do texto.

Beaugrande e Dressler (1981) e Charolles (1987) afirmam que: “os estudos de tipologia apresentam uma relação indireta com os estudos de coerência”. Já Koch e Travaglia (2002: 40-41) que:

“o conhecimento das superestruturas de cada tipo de texto ajuda o processo de compreensão e tem portanto a ver com coerência [...] fica nossa posição que não se pode falar em diferentes tipos de coerência, mas sim que diferentes tipos de textos podem apresentar diferentes modos, meios e processos de manifestação da coerência em nível da superfície lingüística”.

Considerando-se, apenas para demonstração, a relação Coerência X Humor a partir das interpretações, levando-se em conta a tipologia Texto Humorístico, observa-se que:

- a) Interpretação Incoerente => não se apreende o humor presente no texto;
- b) Interpretação Coerente => pode-se (ou não) extrair o humor.

Tomando-se uma piada como exemplo, pode se chegar à seguinte conclusão: quem não entende a piada não ri; quem entende ri; quem já a conhece não vê mais (ou muita) graça.

A informatividade dessa forma desempenha um importante papel: se o texto for totalmente inusitado será rejeitado, porque o leitor não conseguirá reconhecer e processar as informações; se for totalmente conhecido não haverá graça. É preciso portanto haver o elemento surpresa, ambíguo, que quebre a expectativa e que leve o pensamento por um caminho inesperado.

O humor muda de acordo com a época, o local, os envolvidos, pode ser extraído de situações cômicas e levar ao riso ou gargalhada; pode vir de comparações irônicas e críticas de temas recalcados e assim servir para liberar tensões do inconsciente ao transpô-las para o consciente e liberá-las através do riso; pode derivar de uma surpresa, prazer de desvendar um engano, de reconhecer algo inovador e, nesses casos, promove uma sensação de prazer intelectual, de auto-satisfação.

Outro fator que deve ser considerado, não para que o texto **seja** humorístico, mas para que **possa** ser interpretado como humorístico, é a individualidade do receptor, sua percepção do mundo, a disposição com que recebe as coisas a sua volta, conforme Blinksteim (2000):

“valores e conhecimentos mudam de pessoa para pessoa e de comunidade para comunidade, diferentes repertórios levam a um modo diferente de perceber o mundo, as pessoas, os fatos; levam a diferentes percepções e visões do mundo”.

A interpretação do texto humorístico depende em grande parte do conhecimento partilhado, da competência textual do leitor e também da disposição com que este faz a leitura, suas preferências, predisposição.

Percebe-se dessa forma que apenas a “interpretação coerente” não é suficiente para conferir humor ao texto, nem a leitura mais “elaborada”¹¹, nem tampouco a competência textual¹². Conclui-se que além de todos os aspectos anteriormente abordados, a construção da coerência no texto humorístico encontra-se também em dependência do **senso de humor** do leitor em questão, conceito derivado da medicina antiga que pode ser ilustrado por trechos do texto de Ziraldo¹³:

“[...] e era todo o centro da velha medicina, desde Hipócrates, passando por Galeno até os alquimistas da Idade Média. Eles acreditavam que o organismo do homem era regido por humores... Eram quatro os humores: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. E eram também estes quatro fluidos ligados aos quatro elementos fundamentais: ao Ar (seco), à Água (úmido), ao Fogo (quente) e à Terra (frio), respectivamente. A predominância acentuada de um deles determinaria o homem sangüíneo, fleumático, o colérico e o melancólico. Como forma de exteriorização dos temperamentos regidos pelos fluidos orgânicos, coube ao colérico o esgar, ao sangüíneo a apoplexia, ao melancólico a lágrima e ao fleumático o sorriso amarelo.[...] Já que a crença que eram os humores que determinavam o temperamento durou tanto é fácil entender que:

1- quem tinha humores mais agradáveis, menos malignos, era um cara de bom-humor;

2- o camarada que tivesse humores coléricos em predominância, seria um tipo de mau-humor;

3- o indivíduo que tivesse seus humores todos muito bem balanceados, seria um bem-humorado;

4- ao contrário, um que não tivesse tudo posto em equilíbrio no corpo (e na cuca), seria um mal-humorado; e, finalmente,

5- o que tivesse a noção dos humores em seu corpo, a capacidade de equilibrá-los por si mesmo e – em conseqüência – a noção e sentido das coisas em sua volta, este teria o senso dos humores ou em outras palavras – e outra língua – **The sense of humour!**.

¹¹ Vide resultado qualitativo.

¹² Capacidade de estabelecer sentidos a partir de conhecimentos prévios arquivados na memória e elementos presentes no texto.

¹³ *Ninguém entende de humor*, Revista Vozes, 3 abr. 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALHUB, S. (2001). *Funções da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- CITELLI, A. (2002). *Linguagem e persuasão*. 15.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- FÁVERO, L.L.(2000). *Coesão e coerência textuais*. 9.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- FREUD, S.(1959). *Obras Completas de Sigmund Freud*. trad. C. Magalhães de Freitas e Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Delta, 10 v, Parte 1; O chiste e sua Relação com o Inconsciente. p. 3-242.
- KOCH, I.V.(2000). *O texto e a construção dos sentidos*. 4.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- _____.(2001). *A inter-ação pela linguagem*. 12.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- _____. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Ed. Cortez.
- _____; TRAVAGLIA, L.C. (2000). *A coerência textual*. 10.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- _____; _____.(2002). *Texto e coerência*. 8.ed. São Paulo: Ed. Cortez.
- JARDIM, R.S. (2002). *A construção da coerência no texto humorístico, baseada na crônica "Cumprimentos ao Chef" de Luis Fernando Veríssimo*. Monografia. Escolas e Faculdades Padre Anchieta, Centro de Pós-Graduação, Jundiá.
- MICHAELIS(2000). *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Cia Melhoramentos.
- POSSENTI, S.(2001). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. 2. ed. Campinas: Ed. Mercado de Letras.
- ROSAS, M.(2002). *Tradução de humor: transcribando piadas*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- VERÍSSIMO, L.F.(2001). *A mesa voadora*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.

APÊNDICE

Crônica “Cumprimentos ao Chef”

O relacionamento de um bom *gourmet* com um bom restaurante deve ser discreto. Os dois não se devem entender, devem se subentender. Deve haver um diálogo de sutilezas através do qual o bom *gourmet* manifesta a sua satisfação com o restaurante e o restaurante manifesta a sua com o bom *gourmet*. Os dois se amam, mas sem arrebatamento. Um bom *gourmet* não pode entrar no seu restaurante preferido como quem entra no boteco de todos os dias, por exemplo. Não pode bater no balcão e gritar:

- Salta um *crème d’asperges* caprichado!

E ainda derramar um pouco de creme no chão, para o santo.

Da mesma maneira, não é admissível que o *maître* e todos os garçons corram para receber o bom *gourmet* na porta e troquem com ele abraços e empurrões bem-humorados.

Discrição. O *maître* deve registrar a presença do bom *gourmet* com um meio sorriso. Um sorriso inteiro seria uma extravagância. Não pode gritar para o fundo do salão:

- Tira essa gatinha aí da mesa oito que chegou o Dr. Fulano!

Deve chamar um garçom e dizer no seu ouvido:

- Tira essa gatinha aí da mesa oito que chegou o Dr. Fulano.

Discretamente.

O garçom conhecido deve demonstrar sua atenção especial para com o bom *gourmet* de pequenas maneiras. Jamais limpando o assento da cadeira com um guardanapo, puxando uma conversa que vai longe (“e o nosso time, doutor?”) ou apertando as bochechas do bom *gourmet* carinhosamente. Deve, apenas, estar atento ao chamado do bom *gourmet* enquanto ignora todos os sinais desesperados das outras mesas.

O diálogo do bom *gourmet* com o *sommelier* deve ser num código particular, aperfeiçoado através de anos de bom convívio. Em vez de dizer o que vai comer e esperar que o *sommelier* sugira o vinho apropriado, o bom *gourmet* deve lhe dizer o que espera do vinho, de acordo com a sua disposição no momento. Deve esfregar os dedos, como quem tenta destilar do ar a palavra certa.

- A noite hoje pede alguma coisa assim, como direi... civilizada, mas com um substrato selvagem, como certas espanholas. Um vinho com epílogo, é isso. Algo zombeteiro. Mas não irreverente e cheio de si, como aquele da semana passada. Você sabe.

- Posso sugerir um *Rez-de-Chaussée*, ano ímpar, das *Caves de Mourville*?

- Experimentemos. Mas se ele não se comportar direito será expulso da mesa em desgraça.

É no seu relacionamento com o *chef*, no entanto, que o *gourmet* mostra que

é bom. Depois de um jantar a seu gosto, deve premiar o cozinheiro com a frase clássica, transmitida ao *maître*, na saída, junto com a gorjeta:

- Meus cumprimentos ao *chef*.

Mesmo depois de uma refeição excepcional, o bom *gourmet* deve resistir à tentação de invadir a cozinha aos gritos de:

- Quero beijar o *chef*! Preciso beijar esse *chef*!

Discretos cumprimentos bastam. No caso de a refeição não estar à altura das suas melhores expectativas, o bom *gourmet* deve apenas perguntar:

- Algum problema com o *chef*? Para mim você pode contar.

O bom *gourmet* pode ser tolerante:

- Diga ao *chef* que a *mousse* de salmão redimiu o resto, mas ali, ali.

Pode ser irônico:

- Diga ao *chef* que eu senti o seu dedo no suflê. Ele deve ser mais cuidadoso com facas...

Crítico, mas construtivo:

- Diga ao *chef* que a sua *sauce périgord* ainda pode ser salva. Precisamos conversar.

Ameaçador:

- Diga ao *chef* que da próxima vez que eu tiver de devolver para a cozinha uma *blanquette de veau* como a de hoje, meus advogados a acompanharão.

Sentido:

- Pergunte ao *chef* se foi alguma coisa que eu lhe fiz...

Enigmático:

- Meus cumprimentos ao *chef* do restaurante ao lado.

Agressivo:

- Minhas desculpas ao *chef*. Pensei que seu *filet em croûte* fosse uma granada e o joguei pela janela.

Bem-humorado:

- Avise ao *chef* que sua *béchamel* passou do ponto e é para ele ir buscá-la no fim da linha.

Patético:

- Meu adeus para sempre ao *chef*.

Ou então radical:

- Diga ao *chef* que o espero na saída!

Questionário

1- Redija algumas linhas sobre o que você entendeu desse texto.

2- O texto utiliza alguns estrangeirismos que estão digitados em itálico.

Você consegue traduzi-los?

3- Qual a relação desses estrangeirismos com a compreensão do texto?

4- Você classificaria esse texto como humorístico? Por quê?